

A distribuição territorial dos novos investimentos no agronegócio catarinense

Carlos José Espíndola
Joel José de Souza

I-Introdução

A produção agropecuária brasileira vem apresentando, nos últimos 20 anos, um excelente desempenho se comparado a outros setores da economia. Na década de 1990, o crescimento do produto real da agropecuária foi de 2,48% enquanto a indústria cresceu 0,76% e serviços 1,37%. Nessa década, o PIB cresceu em média 1,73% aa. De 2000 a 2004, o setor agropecuário cresceu, em média, a 4,64% aa, enquanto da indústria foi de 2,63% e os serviços 2,3% aa (IBGE, 2006). Essas taxas de crescimento resultam das excelentes safras colhidas em anos recentes. Na safra de 1976/77, por exemplo, o Brasil produziu 46.94 milhões de toneladas de grãos. Já a safra de 1990/1991 a produção saltou de 57,8 milhões de toneladas de grãos para 123,2 milhões de toneladas em 2002/03. Já na safra de 2006/07 estima-se uma produção da ordem de 131,15 milhões de toneladas (CONAB, 2007). Soma-se a elevada produção de grãos, o crescimento vertiginoso da produção de carnes suína, aves, bovina e leite conforme tabela 1. De 1990 a 2003, a produção de carne bovina aumentou 85,2% passando de 4,2 milhões de toneladas para 7,6 milhões, comparando o censo agropecuário do IBGE de 1985 com os dados preliminares do censo de 2006 a produção de leite teve um aumento de 59,1%.

TABELA 1: Produção brasileira de carne (mil/ton.) e leite (milhões de litros)

Anos	Bovina	Suína	Frango	Leite
1990	4.225	1.050	2.358	14.484
1995	6.768	1.450	4.050	16.474
2000	6.583	2.010	5.980	19.767
2001	6.892	2.230	6.567	20.510
2002	7.143	2.356	7.040	21.643
2003	7.662	2.430	7.108	22.254
2004	8.673	2.679	8.408	23.475
2005	9.167	2.939	9.144	24.572
2006	9.462	3.017	9.419	25.400
2007*	9.766	3.096	9.701	27.300*

* Previsão – MAPA.

Fonte: FNP/Consultoria (2004).

Esse dinamismo proporcionou ao país participar ativamente no mercado mundial. Assim, o Brasil domina 81% do total das exportações mundiais de suco de laranja, 35% da carne de frango, 33% de açúcar, 30% de café, 27% de tabaco, 24% de carne bovina, 13% etanol, 32% farelo de soja, 28% de óleo de soja, 11% de carne suína e 5% de algodão. A inserção dos produtos brasileiros no mercado internacional expandiu-se a partir de 1976 e já em 1985, o Brasil tinha conseguido um superávit comercial expressivo na balança comercial (US\$ 6,5 bilhões). Em 1993, as exportações do setor eram de US\$ 15,94 bilhões, com um superávit de US\$ 117 bilhões. O recorde foi na safra 2002/03 (123,17 milhões de toneladas de grãos), evidenciando o potencial do país como exportador agrícola. Já a cadeia produtiva de leite só teve seu primeiro superávit no ano 2004 quando as exportações superaram as importações em US\$ 11,503 milhões no ano de 2007 este valor foi de US\$ 122,453 milhões.

No primeiro semestre de 2007, as exportações do agronegócio¹ totalizaram 26.752 bilhões, 25,3% acima do valor exportado no primeiro semestre de 2006. Entre julho de 2006 a junho de 2007, as exportações totalizaram US\$ 54,820 bilhões, 22,5% acima do valor exportado no período de julho de 2005 a junho de 2006, que foi de US\$ 44,749 bilhões. As exportações foram 37,4% superiores aos doze meses anteriores com gastos de US\$ 7.695 bilhões. Como resultado, o superávit comercial acumulado nos últimos doze meses foi de US\$ 47,124 bilhões os setores que mais contribuíram em valor absoluto para o aumento das exportações foram o complexo de soja (61%), carnes (33%), sucos de frutas (112%) e cereais, farinhas e preparações (128%), leite (185%) (MAPA, 2007).

Diante do exposto verifica-se a importância do agronegócio para a economia brasileira. Contudo, quando se analisa a distribuição territorial do agronegócio, vamos perceber sua relevância em determinadas unidades da federação. Assim, para Santa Catarina a participação da atividade agropecuária responde por 5,7% do PIB brasileiro, contra 8,2% do Rio Grande do Sul, 6,4% do Paraná. Em termos de balança comercial,

¹ O agronegócio é entendido “como a cadeia produtiva que envolve desde a fabricação de insumos, passando pela produção nos estabelecimentos agropecuários e pela transformação, até seu consumo. Essa cadeia incorpora todos os serviços de apoio: pesquisa e assistência técnica, processamento, transporte, comercialização, crédito, exportação, serviços portuários, distribuidores, bolsas e o consumidor final” (CONTINI et alii, 2006, p.6). Assim, inclui-se nessa perspectiva os agronegócios familiares e os agronegócios rurais em escala, conforme Gonçalves (2004, p.42). No primeiro grupo teríamos uma estrutura produtiva derivada da produção de mercadorias de alto valor agregado, “representadas pelas frutas, olerícolas e produtos que exigem o primado da qualidade na forma de características ao mesmo tempo intrínsecas e extrínsecas” (GONÇALVES, 2004, p.43). O segundo grupo deriva da produção de mercadorias de baixo valor agregado, matérias primas (soja, fumo, suínos, aves, bovinos, café, milho) destinadas a transformação agroindustrial.

enquanto em 2005, no Brasil, o agronegócio foi responsável por 77% do saldo na balança comercial, no Estado esta participação foi de 86,13% (ICEPA, 2006). Destacam-se na pauta de exportações catarinenses, os produtos como carne suína, carne de aves, complexo soja, fumo e produtos da indústria da madeira, papel e papelão, conforme tabela 2.

Diferentemente das exportações, a participação de produtos do agronegócio nas importações catarinenses é pequena (16% em 2005 contra 5,9% do total importado pelo Brasil no mesmo ano), pois em anos anteriores, 1996 o agronegócio já chegou a representar cerca de um terço de tudo que o Estado importou. Nas importações destacam-se os produtos como pescados e crustáceos, malte, milho e derivados, papel e papelão, soja e derivados e trigo e derivados. As importações de soja se devem ao fato de que a capacidade instalada em Santa Catarina é maior que a produção interna. Assim importa-se o grão para moagem e posterior consumo interno ou comercialização.

TABELA 2: Exportações Catarinenses (em mil/ton.)

Ano	Carne Suína	Carne de frango	Carne bovina	Soja Grãos	Fumo	Ind. madeira, papel e papelão*
2000	75.051	397.401	702	1.942	37.882	859.550
2001	179.120	494.325	1.359	31.771	48.101	960.905
2002	257.791	578.944	1.114	2.336	45.968	1.078.923
2003	184.028	612.524	2.331	41.712	43.264	1.163.521
2004	233.157	718.218	4.547	79.622	57.811	1.306.742
2005	282.623	792.822	9.741	132.873	76.319	1.282.111
2006	187.382	757.873	4.110	206.735	134.566	1.278.699

* Total geral da indústria

Fonte: MDIC/SECEX sistema Alice.

Entretanto, o agronegócio brasileiro e catarinense está constantemente sendo submetido a barreiras internas e externas que prejudicam um maior desempenho. Internamente, pode-se destacar juros altos e o dólar desvalorizado, as estradas de péssima qualidade, as condições precárias de armazenamento nos portos e os problemas fitossanitários. Externamente é o protecionismo dos países do centro do sistema, que resistem a reduzir subsídios internos que concedem à produção e as barreiras tarifárias e não tarifárias que impõem as importações brasileiras.

Desta forma o objetivo geral deste artigo é analisar e compreender a distribuição territorial dos novos investimentos no agronegócio catarinense, sobretudo nos complexos agroindustriais de carne e leite.

I - Gênese dos complexos agroindustriais de carne e leite

O estado de Santa Catarina foi ocupado por pequenos agricultores alemães e italianos (século XIX e XX), que coexistem com povoamento luso-brasileiro, de origem mais antiga (século XVII e XVIII), consagrados à criação de gado no planalto, e a pequena lavoura no litoral” (Mamigonian, 1966: 63). Trata-se, portanto, a grosso modo, da constituição de duas grandes formações sócio-espaciais regionais.

A segunda macro-formação regional, ao longo do caminho entre Laguna e Rio Grande, foi se estabelecendo a partir de 1725 estâncias que visavam o desfrute normal do gado, tanto para o envio de tropas para o Brasil Central como para abate e obtenção de charque, couro e sebo. “Desde que se começou o trabalho com o gado, mesmo quando o interesse comercial era somente o couro, a salga de carnes foi feita em alguns abates... É do final dos anos trinta, no século XVIII, a primeira referência sobre um estabelecimento destinado a essa tarefa” (Gutierrez, 2001: 38). Destaca-se os saladeiros de Laguna que forneciam carnes salgadas para o Reino, Rio de Janeiro, Nordeste e Minas Gerais (Marques, 1990). Contudo, diferentemente do Rio Grande do Sul onde ocorreu o desenvolvimento das salgadas para a indústria frigorífica e a instalação de grandes multinacionais ², em Santa Catarina os primeiros investimentos no abate de carne bovina ocorreram nos municípios de Palhoça, São José e nas proximidades de Florianópolis, já no caso do leite os primeiros investimentos ocorreram em Blumenau e seus arredores. Tratava-se de pequenos estabelecimentos especializados no abate e desmonte de bovinos que abasteciam o mercado consumidor de Florianópolis e arredores, diferentemente do leite que além de abastecer este mercado, abastecia outros mercados como a região Norte do estado e Vale do Itajaí.

Contudo foi na primeira macro formação regional que emergiram o abate e o processamento de carne suína e leite. E, pois, neste sentido, que os primeiros investimentos foram realizados, nas regiões de colonização alemã, sob a liderança de capitais comerciais (Salinger e Cia. Jensen). No Sul do estado, as inversões se

² Ver (Mamigonian, 1976 e Suzigan, 1986)

realizaram por volta do final do século XIX e início do século XX. Em Tubarão, a banha, o toucinho, a carne salgada e a carne *in natura* responderam, respectivamente, em 1897 e 1899 por 78,4% e 76,16% do imposto recolhido pelo município (Dall'Alba, 1983 apud Paulilo, 1990). No ano de 1867 na região do Vale do Itajaí Jens Jensen³ fundou a Cia. Jensen⁴ em Blumenau a pioneira a trabalhar na industrialização do leite no Estado empresa que foi líder do mercado catarinense de laticínios até início da década de 1970 quando deixou de atuar (COLI, 1992).

Com efeito, a maioria dessas unidades foram criadas (no interior do complexo rural) por pequenos produtores mercantis e pequenos comerciantes locais que não mediam esforços na constituição de pequenos negócios. Paulatinamente, ao lado da multiplicidade dos estabelecimentos artesanais, originados no interior do complexo rural, foram emergindo outros nas áreas urbanas. Dessa forma, o excedente econômico criado permanecia em grande parte na região, formando uma base indispensável à gênese da cadeia de carne e leite em Santa Catarina. Contudo a partir de 1930 a cadeia produtiva de carne suína passa a se desenvolver de forma industrial na região Oeste Catarinense, quando da chegada de ítalos-gaúchos como por exemplo Atílio Fontana e Saul Brandalise⁵. Os lucros obtidos entre os anos de 1940 -1950 foram reinvestidos na constituição de novas cadeias produtivas como, por exemplo, a avicultura industrial no oeste catarinense. Paralelamente na região do Vale do Itajaí e litoral norte tínhamos uma forte tradição na produção e industrialização do leite que início do século XX representava cerca de 12% das exportações do estado (COLI, 1992). Até início dos anos 1970 esta região foi a principal produtora de lácteos no estado, já no final de década de

³ Jens Jensen “era originário do norte da Alemanha, foi marinheiro até 1864, quando ele se evadiu no porto de Itajaí. Após ter trabalhado num engenho de açúcar dos arredores, instalou-se em Blumenau, como colono e pequeno comerciante em 1867.” (MAMIGONIAN, 1965, p. 397).

⁴ “A empresa fundada por Jens Jensen, em 1867, como pequeno comércio de troca de produtos locais (manteiga, banha, etc.) por produtos importados (trigo, querosene, sal, fósforo, tecidos) expandiu-se pela industrialização dos produtos agrícolas locais de porco e bovino, laticínios, sabão e arroz, este último introduzido especialmente nos arredores. A parte industrial desta empresa tem 118 operários;” (MAMIGONIAN, 1965, p 402).

⁵ Atílio Fontana migrou para o oeste catarinense em 1921 e após ter trabalhado como empregado na casa comercial de Casimiro Tisian, adquire, em 1923, um hotel. Em 1925, o pequeno hotel é transformado em casa comercial. Como comerciante despachava alfafa para os regimentos do Exército (Pernambuco, Rio de Janeiro, Curitiba, Mato Grosso etc.) e suínos vivos para São Paulo. “Os suínos chegavam a ser vendidos a companhias americanas, à Alexandre Eder, dos produtos Santo Amaro, e muitos outros. Vendia-se até mesmo no Rio de Janeiro e Petrópolis” (Fontana, 1980). Esses suínos eram transportados pela Estrada de Ferro, com o apoio direto do governo brasileiro, que concedia, após 1930, aos comerciantes das regiões não cafeeiras, requisições gratuitas. Tem-se, assim, uma vantagem relativamente dinâmica da região oeste catarinense com as demais regiões produtoras de suínos, e um incentivo direto à especialização produtiva dos pequenos produtores que migraram do Rio Grande Sul em meados dos anos 10. Ademais, a exclusividade de Atílio Fontana deslocava a concorrência obrigando-os a fornecer suínos para o Rio Grande do Sul.

70 a região Oeste assim como na cadeia de carne assume o posto de principal região produtora de produtos derivados do leite⁶. Os investimentos nos negócios de carne e leite não cessaram nos anos de 1970 e 1980, conforme demonstra o quadro 1.

QUADRO 1 - Movimentos ocorridos na indústria de carne e leite em SC

Empresa	Ano	Movimento	Setor	Localização
Sadia	1973	Implantação Frigorífico	Aves	Chapecó/SC ⁷
	1978	Empresa Genética	Aves	Faxinal Guedes/SC
	1979	Aquisição Empresa	Soja	Joaçaba/SC
	1977	Aquisição frigorífico	Suínos	Salto Veloso/SC (empr. local)
	1980	Aquisição de fábrica	Racões	Catanduvas/SC (empr. local)
Hering	1972	Constituição da Ceval	Soja	Gaspar/SC
	1974	Aquisição empresa	Soja	Chapecó/SC (empr. local)
	1976	Aquisição empresa	Soja	Chapecó/SC (empr. local)
	1977	Aquisição de duas empresas	Soja	São Miguel D'Oeste/SC
	1979	Instalação unidade	Soja	São Francisco do Sul/SC
Gaidzinsky	1970	Aquisição empresa	Suínos	Forquilha/SC (coop. local)
M. Koerich ⁸	1973	Implantação empresa	Aves	São José/SC
Borella	Anos 70	Instalação unidade	Aves	Marau/SC
Frigoplan	1973	Instalação de unidade	Bovinos	Itajaí/SC
Chapecó	1974	Instalação unidade	Aves	Xaxim/SC
Lactuba	1971	Implantação empresa	Leite	Tubarão/SC
Tirol	1974	Implantação empresa	Leite	Treze Tílias/SC
Cia. Jensen	1970	Aquisição empresa	Leite	Concórdia/SC
CCCL*	1974	Aquisição empresa	Leite	Itajaí/SC
	1986	Implantação unidade	Leite	Palhoça/SC
	1988	Implantação usina	Leite	Campos Novos/SC
	1989	Aquisição empresa	Leite	São Miguel do Este e Itapiranga/SC
Lactoplasa	Anos 70	Implantação empresa	Leite	Lages/SC

⁶ Ver (Souza, 2008)

⁷ A instalação da Sadia avícola contou com financiamentos e subsídios do governo estadual através do FUNDESC (Espindola, 1999a).

⁸ O grupo Macedo-Koerich tem seu capital originário das atividades comerciais (Koerich) e atividades autônomas (Macedo). Esse frigorífico iniciou os trabalhos abatendo 300 frangos/dia. Em 1976 sua capacidade foi ampliada para 3.000 frangos/dia (Entrevista realizada com o Diretor da Empresa, 1999).

*Cooperativa Central Catarinense de Laticínios (responsável pela marca Do Vale)

Fonte: Espíndola (1999 e 2002). Elaboração do autor.

As inversões apresentadas com a instalação de multiplantas somadas às medidas político-institucionais, possibilitaram às cadeias produtivas a conquista agressiva do mercado externo. Desta forma, no início dos anos 70, o Brasil passa a inserir-se competitivamente no mercado internacional de carne suína, aves e bovina. Entre 1970-1977, o Brasil tornou-se um grande exportador de carne suína, pulando de 2 mil ton. em 1970 para 12 mil ton. em 1977, o que representa um crescimento na ordem de 600%. Entretanto, a partir de 1978, as exportações brasileiras foram interrompidas devido ao aparecimento da peste suína e às restrições implantadas pelo mercado mundial à carne brasileira. A partir de meados dos anos 80, o produto brasileiro passou a entrar novamente no mercado internacional.

Na cadeia produtiva de carne de aves, as exportações mundiais cresceram de 703 mil ton. em 1975 para 1.572 mil ton. em 1984. Desse total as exportações brasileiras cresceram, em termos de participação, de 0,49% em 1975 para 17,9% em 1984. Entretanto, a partir de meados dos anos 80, ocorreram reduções na participação brasileira no mercado mundial.

Na cadeia produtiva de carne bovina, o auge foi o início dos anos 70, quando foram exportadas 324 mil ton. em 1972. Entretanto, a partir de 1973, as exportações de carne bovina reduziram-se em virtude do fechamento das importações por parte da CEE, e a redução de subsídios brasileiros, visando o atendimento do mercado interno. Contudo, nos últimos 10 anos o Brasil passou de importador líquido de carne a terceiro maior exportador mundial, atrás da Austrália e EUA. As exportações brasileiras atingiram a casa dos 559, 9 mil toneladas em 1999.

Após essa fase expansionista a situação no início dos anos 80 apresentava sinais de crise que coincidiria com a fase depressiva do ciclo longo (fase b do 4º Ciclo Longo). As medidas ditadas pelo FMI, visando o saneamento das contas externas, a redução da inflação e a diminuição do déficit público, resultaram no decréscimo do PIB e no aumento da capacidade ociosa e retração da demanda interna. As taxas de crescimento da indústria brasileira decaíram de 8% ao ano, em 1980, para -6,1% ao ano, em 1983. No ramo alimentar a queda foi de 8,4% ao ano para 3% ao ano no mesmo período (IBGE, 1985). A recessão econômica somada à maior competitividade da carne de aves

e a suspensão das exportações forçaram a queda da produção brasileira de suíno. De um total de 1.105 milhões de toneladas produzidas em 1982, a produção decaiu para 960 mil toneladas em 1984. Uma queda de 6,6%, 5,9% e 8,3%, respectivamente, nos anos 82, 83 e 84. Processo semelhante ocorreu no setor avícola, quando a produção reduziu-se de 1.604 milhão de toneladas em 1982 para 1.440 milhão de toneladas em 1984 (ICEPA, 1985).

Contudo, cabe destacar que nos anos 80 foi intenso o processo de centralização de capitais nos negócios que envolviam carnes e leite, conforme quadro 2

QUADRO 2 - Vaga de aquisições na década de 80

Comprador	Aquisição	Setor	Localização	Década
Perdigão	Confiança S.A.	Agropecuária	Herval D'Oeste-SC	80
	Saule Pagnocelli	Suíno	Herval D'Oeste-SC	
	Reunidas	Suíno	Capinzal-SC	
	Nodaira	Reflorestamento	-	
Ceval	Seara	Aves / Suíno	Seara/SC	80
	Safrita	Aves / Suíno	Itapiranga/SC	
	Fril	Suíno	Jaraguá do Sul/SC	
	Kowaslki	Armazenagem	Porto de Itajaí/SC	
CCCL	Laticínios Ivote	Usina de leite	São Miguel do Oeste/SC	80
	Laticínios Ivote	Usina de leite	Itapiranga/SC	

Fonte: Espíndola (1999 e 2002). Elaboração do autor.

No quadro 2 verifica-se, por um lado, a política agressiva da Ceval-Hering no setor de abate de animais (suínos, aves e bovinos)⁹. Percebe-se que as estratégias empresariais foram diferenciadas, pois enquanto os grupos Ceval-Hering, Perdigão e Chapecó direcionaram recursos para aquisição de empresas especializadas no abate e processamento de carne suína e aves, o grupo Sadia diversificou ainda mais sua produção, inserindo-se no setor de abate e industrialização de carne bovina. Cabe destacar que ocorreram ainda investimentos em novas áreas, como por exemplo, Ceval-Hering, que em 1988 promoveu a construção de uma unidade produtora de margarinas, cremes e gorduras hidrogenadas vegetais em Gaspar. Tais rotas de investimentos e diversificação no segmento de soja foram seguidas pelo grupo Perdigão, que investiu na construção de uma fábrica de rações em Videira/SC e uma processadora de rações em

⁹ Os investimentos do grupo Ceval-Hering atingiram o montante de US\$ 101,6 milhões, dos quais US\$ 67 milhões foram diretamente aplicados em aquisições, o que por sua vez elevou substancialmente o grau de endividamento de ambas as empresas (Espíndola, 1999a).

Joaçaba/SC. Na cooperativa CCCI a estratégia de aquisição foi na busca de se tornar líder do setor de laticínios no mercado Catarinense, o que ocorreu após a aquisição do Laticínios Ivote.

A política de liberalização da economia, com diretriz neoliberal, nos anos de 1990, promoveu inúmeros choques à indústria brasileira. O contexto macro-econômico, de grande instabilidade, induziu reações e comportamentos empresariais diversos, dependendo dos recursos competitivos acumulados, das condições de mercado e das visões estratégicas. É neste sentido, pois, que discutir-se-á no item seguinte, as safras de novos investimentos nas cadeias produtivas de carne de aves, suínas, bovina e de leite.

II - Os investimentos pós 1990

O conjunto da economia brasileira e os seus diferentes ramos produtivos vêm, desde o final dos anos 80, sofrendo fortes ajustes em decorrência da abertura comercial, das baixas taxas de crescimento, da queda do valor da produção, da queda no nível de emprego e da redução do saldo da balança comercial. Ao longo dessa conjuntura, um conjunto de empresas brasileiras viu-se forçado a desenvolver estratégias e capacitações, visando à manutenção de seu desempenho competitivo.

A bibliografia referente ao processo de reestruturação da indústria brasileira parece concordar que existem dois grandes períodos de mudança na década de 90¹⁰: O primeiro iniciou-se com a implantação do Plano Collor¹¹ e caracterizou-se pela racionalização dos custos, apoiada em estratégias de reorganização da produção, em que predominavam objetivos de *downsizing*, principalmente a terceirização de atividades e o aumento do conteúdo importado. O segundo, pós-94, que teve início na era FHC, com o Plano Real¹², manteve como linha mestra a racionalização de custos baseada em *outsourcing*, terceirização, etc.

¹⁰ Ver a esse respeito Kupfer (1998).

¹¹ O Plano Collor, implantado em 15 de março de 1990, visava produzir um brutal choque deflacionário (redução da liquidez), através de uma reforma monetária (substituição do Cruzado Novo pelo Cruzeiro), retenção dos ativos monetários e liberalização das importações.

¹² O Plano Real foi um programa de estabilização anunciado em 1993 e implementado através do ajuste fiscal com cortes de despesas, da eliminação da inércia inflacionária, através da conversão de preços e salários a uma unidade (URV) e da reforma monetária, ou seja, substituição da URV pela nova moeda (Real). Essa nova política econômica de estabilização estava sustentada por duas "âncoras": a manutenção de uma taxa de juros reais elevada (em torno de 20% anuais) e uma taxa cambial da ordem de R\$ 1,00 = US\$ 1,00. Segundo a bibliografia, o novo plano apresentou, entre os anos de 1994-98, os seguintes resultados: decréscimo do

Nos primeiros anos da década de 90, os investimentos das agroindústrias de carne seguiram a tendência de queda dos investimentos totais na economia nacional. Os investimentos do grupo Sadia, por exemplo, decaíram 50%. De um total de U\$ 100 milhões anunciados em 1990, os recursos reduziram-se para U\$ 51 milhões investidos em 1994. Já em 1996, foram investidos U\$ 104 milhões, distribuídos entre as unidades de industrializados (U\$ 48 milhões em chapecó e concórdia), de carne *in natura* (U\$ 45 milhões) e de grãos (U\$ 7,2 milhões).

A safra de novos investimentos não se restringiu ao grupo Sadia. Empresas congêneres procuraram, por sua vez, a criação de capacidade nova, no setor de laticínios novos grupos surgiram no Estado. O grupo Perdigão, após 4 anos sem investir, dedicou cerca de R\$ 198 milhões, entre 1995 a 1998, a serem aplicados nas unidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Um dos maiores investimentos realizados pela Perdigão em 1997 foi, por exemplo, a conclusão e ampliação do frigorífico localizado em Capinzal/SC, que tornou-se o maior abatedouro de aves do mundo (capacidade para 356 mil aves/dia). Por sua vez, o grupo Chapecó e Ceval, após serem adquiridos pelos grupos Macri e Bunge respectivamente, direcionaram recursos para novas atividades. Entre 2000 e 2001, o grupo Macri já teria investido em Chapecó cerca de R\$ 16 milhões na construção de uma unidade para a produção de salsicha e mortadela. Já a Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora, por exemplo – destinou R\$ 15 milhões para a implantação de um sistema de abate e processamento de suínos em Joaçaba/SC. Os recursos são oriundos do PRODEC Agroindustrial¹³, recursos próprios e financiamento do BNDES. Com capacidade para industrializar 200 suínos/hora, a nova indústria injetou na economia local cerca de R\$ 8,5 milhões mensais em salários, matérias-primas, insumos, impostos e fornecedores. Entre as mudanças ocorridas no setor de laticínios em Santa Catarina nos anos 90, pode se destacar o surgimento da empresa Cedrense em 1990 no município de São José do Cedro, que em 1991 instalou unidade em Anchieta, 1994 em Guaraciaba e 1996 em Itapiranga, outra indústria importante que surge neste período é a Cooperoste cooperativa do movimento dos

PIB de 5,9% para 0,7%; aumento da taxa de desemprego de 5,1 para 7,5; aumento das importações de U\$ 33.079 milhões para U\$ 59.000 milhões, o que significou um saldo na balança comercial de U\$ 10.466 milhões em 1994 para U\$ -6.300 milhões em 1998; aumento do consumo nas classes (D e E) e progressiva desnacionalização da economia brasileira. Ver Mattoso (1999), Netto (1998) e Netto (1999).

¹³ Entre as empresas que obtiveram recursos do PRODEC, pode-se destacar o grupo Sadia e a Cooperativa Central Oeste Catarinense. Entre os anos de 1987 e 1991, foram liberados cerca de CR\$ 14,9 bilhões. Desse montante, CR\$ 1,55 bilhão foram destinados à Sadia para a construção de uma nova fábrica de industrializados em Concórdia (Espíndola, 1999a).

trabalhadores rurais sem terra (MST) no município de São Miguel do Oeste em 1998. Ainda no setor de laticínios duas aquisições que ocorreram na década de 90 provocaram mudanças importantes na cadeia produtiva do leite catarinense, a compra do laticínios Chapecó em meados da década de 90 pelo laticínios Tirol colocando a empresa como líder do setor de laticínios no estado superando a CCCL que no mesmo período foi adquirida pela empresa Batavia.

As agroindústrias pequenas, com faturamento entre R\$ 40 milhões e R\$ 130 milhões, investiram de R\$ 500 mil a R\$ 2 milhões na modernização e lançamento de produtos com maior valor agregado. A Fricasa de Canoinhas/SC, por exemplo, com faturamento de R\$ 17 milhões, lançou em 1998 produtos como o salame e fez inversões de R\$ 120 mil na ampliação da produção de 600 toneladas para 800 toneladas de carne suína. O quadro 3 indica os principais investimentos realizados pelas pequenas empresas nos anos entre 1994 -1998

QUADRO 3 - A onda de investimentos das agroindústrias de carne do Sul do Brasil, 1994-1998

Empresa	Capital mil/aves	Investimento U\$ milhões	Recursos	Localização
Aurora	140	30	50% BNDES 50% próprio	Quilombo/SC
Safrismo	140	55	BNDES/outros	S. M. D'Oeste/ SC
Coopernorte	140	60	70% BNDES 30% Gov. Estado	Mafra/SC
Agrovêneto	33	4,5	50% BRDE 50% próprio	Nova Veneza/SC
Frigovale	60	-	-	Itajaí/SC

(-) Informações não disponíveis

Fonte: Espindola 2002

Entretanto, a década de 90, caracterizada pela implementação de políticas neoliberais adotadas pelo governo brasileiro, promoveu uma série de redefinições patrimoniais que vão desde a busca de novos sócios à transferência total de ativos e fusões estratégicas. A nova onda de aquisições e fusões na economia brasileira caracterizou-se pela entrada agressiva de empresas de capital externo¹⁴.

¹⁴ Entre o período 1995-97, houve no Brasil 423 operações de fusões e aquisições, sendo que as empresas de capital externo envolveram-se em 251 operações, isto é, em 59% do total, contra 33% em 1992 (ABIA, 1998). No governo FHC, as fusões e aquisições cresceram de 41% em 1995 para 48% em 1996, 55% em 1997 e 68% em 1998 (Gonçalves, 1999). Em 1994, das 175 fusões e aquisições cerca de 94

.Entre 1990-96, os movimentos de fusões e aquisições foram realizados entre empresas nacionais e até mesmo por empresas nacionais adquirindo empresas em outros países. No primeiro caso, destaca-se a aquisição do grupo Eliane pelo grupo Ceval-Hering, pelo valor total de U\$ 54,7 milhões. Neste negócio, a Ceval adquiriu dois abatedouros de aves com capacidade para 240 mil animais por dia; um de suínos que abate 1000 cabeças/dia; dois incubatórios; dez granjas de matrizes para desenvolvimento genético; duas fábricas de ração, uma em Sidrolândia/MS e outra em Criciúma/SC, e um silo para armazenagem de milho em Cascavel/PR. Com essas aquisições, a Ceval assume a vice-liderança no mercado de carnes. O grupo Perdigão, por sua vez, foi adquirido por um pool de fundos de pensão e pelo grupo WEG de Jaraguá do Sul. Entretanto, chama atenção o fato de que, a partir de 1997, os principais movimentos de fusões e aquisições fizeram-se sob domínio do capital externo.

Neste processo de desnacionalização, merecem destaque:1) a compra do grupo Ceval-Hering pelo grupo Bunge Born¹⁵. A venda do grupo Ceval por U\$ 400 milhões visou sanear financeiramente a Hering têxtil. A aquisição incluiu fábricas no Brasil, na Argentina, na Índia e na Bolívia. A Ceval-Hering possui 25,7% do mercado brasileiro de óleo vegetal; 27% de óleos vegetais refinados; 0,8% do mercado de maioneses; 11,1% de margarinas; 13,5% da produção total de soja esmagada e 14,4% do mercado de carne (Gazeta Mercantil de 4/11/1999); 2) a venda do grupo Chapecó para a Alimbras, subsidiária brasileira do grupo argentino Macri¹⁶. O valor das transações alcançou a casa dos U\$ 60 milhões e a empresa argentina ainda assumiu U\$ 137,9 milhões, que serão negociados no prazo de 8 a 25 anos. O restante da dívida, U\$ 147,5 milhões, deverá ser assimilada pelos credores (BNDES, BNDESpar, Banco do Brasil e o banco Bozano Simonsen); são, portanto, dívidas assumidas pelo Governo Federal. Se isto não bastasse, cerca de U\$ 58 milhões (R\$ 114 milhões em valores de 20/10/1999) foram concedidos pelo BNDES para a aquisição. Além do empréstimo, o banco desembolsou mais U\$ 28 milhões (R\$ 54 milhões na data anterior) para adquirir

foram realizadas pelo capital externo, contra 221 de um total de 351 (KMPG, 1999). A conclusão obtida a partir dos dados é que houve no Brasil um intenso processo de desnacionalização de sua economia.

¹⁵ O grupo Bunge foi fundado em 1818, em Amsterdã, e atua nos EUA, Austrália, Argentina, Venezuela e Brasil.

¹⁶ O grupo Macri começou no negócio de carne em julho de 1998, quando ficou com 60% do frigorífico Estancias del Sur. Esse grupo controla ainda, no Brasil, as empresas Basilas, Izabela e Zabet, fabricantes de massas e biscoitos, além da divisão de massas industrializadas que a Quaker possui com a marca Adria.

36,18% do capital total da Chapecó, em dezembro de 1999¹⁷. 3) A Archer Daniel's Midland, por sua vez, adquiriu o setor de soja do grupo Sadia com unidades em Paranaguá/PR, Rondonópolis/MT, Três Passos/RS e Joaçaba/SC. Com a aquisição, a ADM passou a deter 8,70% da capacidade brasileira de esmagamento de soja e 11,01% da produção brasileira de óleo refinado

A partir de 2000, as inversões visam ampliar a capacidade de produção, como por exemplo o projeto de instalação da Sadia, de um abatedouro de suínos e fábrica de rações e granjas integradas na cidade de Mafra-SC. Na esteira da conquista do Planalto Norte Catarinense, destacam-se ainda os investimentos da Cooperativa Aurora em Canoinhas-SC. Esta cooperativa está investindo em Pinhalzinho-SC onde esta sendo construída a usina mais moderna para produção de leite em pó da América Latina um investimento de R\$ 160 milhões, parte do dinheiro foi financiado pelo Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregar Valor a Produção Agropecuária (PRODECOOP) do BNDES.

Em 2005 a Tirol inaugurou em Treze Itílias a primeira fábrica de leite em pó do estado ampliando a capacidade de processamento do leite de 600 mil litros/dia para 1 milhão. A empresa Cedrense começou a construir em 2008 uma nova unidade produtiva que vai ampliar a capacidade da empresa de 282 mil litros/dia para 1,6 milhões de litros/dia. Um outro exemplo é o da Cooperoste que em 2008 instalou três novas linhas de produção de UHT e ampliou sua capacidade de produção de 330 mil litros/dia para 700 mil litros/dia.

Contudo, chama a atenção no ano de 2008 as recentes aquisições realizadas pela Tyson Food dos EUA.¹⁸ Com um total de US\$ 200 milhões, adquiriu a Macedo (São José-SC), Avita (Itaiópolis-SC) e a Frangobras (Campo Mourão-PR). A estratégia da Tyson Food é criar uma base exportadora de carne de frango da empresa para a Europa, já que atualmente os EUA não exportam para esse continente por razões políticas.

III – Conclusão

¹⁷ Essas negociações estão sobre a mira do Ministério Público, pois os empréstimos foram feitos para o socorro imediato do frigorífico e a título de financiamento de exportações, que segundo os procuradores nunca existiu. Ver a esse respeito na Revista Isto é, 25/11/98; Gazeta Mercantil, 2/09/2000 e Folha de São Paulo, 27/08/2000.

¹⁸ A Tyson Food é a maior empresa processadora de carne de frango, bovina e suína do mundo. Faturou em 2007 cerca de US\$ 26,9 bilhões, sendo a área avícola responsável por 31% contra 41% dos produtos de carne bovina e 12% de suína.

Em termos gerais pode-se afirmar que as empresas atuantes no agronegócio de leite e carne não mediram esforços na inversão de seus lucros visando o aumento da capacidade produtiva e em novos segmentos produtivos. Mesmo em conjunturas desfavoráveis, apesar da redução do montante investido, não houve paralisação dos investimentos. Contudo, foi nos períodos de crise da economia brasileira que percebeu-se o intenso processo de desnacionalização ou venda de ativos para as concorrentes nacionais. Ademais, verifica-se que em ambos os negócios a concorrência está acirrada.

IV – Bibliografia

ABIA, **Associação Brasileira da Indústria Alimentar**, (vários anos).

COLI, Luiz E. J. **Análise da dinâmica do sistema produtivo de leite do estado de Santa Catarina**. Dissertação, UFSC, 1992.

CONTINI, Elisio et alii (2006). **Evolução recente e tendências do agronegócio**. In: Revista de Política Agrícola nº 1. Brasília.

ESPINDOLA, Carlos .J. **As Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Ed. Grifos, Chapecó, 1999.

_____. **As agroindústrias de carne do Sul do Brasil**. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2002.

FNP-Consultoria, (vários anos).

FONTANA, Atílio F.X. (1980) **História da Minha Vida**. Petrópolis: Vozes.

Gazeta Mercantil, 04/11/99.

GONÇALVES, José S. (2004). **Carmas da questão agrária: movimentos sobre falsos dualismos geram falsos paradigmas**. In: Informações econômicas, V. 34, nº 7. SãoPaulo.

GUTIERREZ, E.J.B. (2001) **Negros, Charqueadas & Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: UFPEL.

IBGE, (1985) **Censo Industrial**. Rio de Janeiro: IBGE.

ICEPA RELATÓRIOS, (vários anos) **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina**, Florianópolis.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudos Geográficos das Indústrias de Blumenau**. In: Separata da revista brasileira de geografia n.3, ano 27, Rio de Janeiro, 1965.

_____. (1976a) **O Processo de Industrialização em São Paulo**. In: *Boletim Paulista de Geografia*, nº 50. São Paulo: AGB.

_____. (1976b) **Notas sobre os frigoríficos do Brasil central Pecuário**. In: *Boletim Paulista de Geografia*, nº 51. São Paulo: AGB.

MARQUES, A da Fontoura (1990) **Evolução das charqueadas rio-grandense**. Porto Alegre: Martins Livreiro.

MATTOSO, J. Produção e Emprego: Renascer das Cinzas In: LESBAUPIN, Ivo (Org.). **O Desmonte da nação. Balanço do governo FHC**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NETO A.D. (1998) **O Desemprego é âncora do Real**. in visões da crise Rio de Janeiro: Contraponto.

NETO, J.P. (1999) **FHC e a política Social: Um desastre para as massas trabalhadoras**. in O Desmonte da Nação, Petrópolis: Vozes.

MINISTÉRIO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Estatística**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acessado em: 2007

SUZIGAN, Wilson. (1986) **A Indústria Brasileira**. São Paulo: Brasiliense.